

## ATUAÇÃO DE ITALIANOS NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835-1845) E SEUS IDEAIS POLÍTICOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### PERFORMANCE OF THE ITALIANS IN THE REVOLUTION FARROUPILHA (1835-1845) AND YOURS POLITICAL IDEALS: A LITERATURE REVIEW

Carlos Eduardo Piassini  
Graduando em História – UFSM, bolsista POBIC/FAPERGS<sup>1</sup>  
cepiassini@yahoo.com.br

**RESUMO:** A presente pesquisa, vinculada ao projeto “Os Conceitos de República e de Federalismo na Revolução Farroupilha (1835-1845)” no Contexto do Processo de Construção dos Estados Nacionais e da Nação na Região Fronteiriça Platina, com bolsa de Iniciação Científica PROBIC/FAPERGS/UFSM, procura identificar através de uma revisão bibliográfica a atuação de Italianos no movimento farrapo, bem como o ideário político destes. Entende-se por Italianos aqueles indivíduos nascidos na Península Itálica, visto que a unificação daquele território estava em andamento durante o período de confronto entre os farroupilhas e os imperiais, e viria a efetivar-se somente por volta de 1870. Dentre os principais nomes estudados estão os de Tito Lívio Zambeccari, Giuseppe Garibaldi, Luigi Rosseti e Giovanni Battista Cuneo. Os ideais de Mazzini foram as principais referências ideológicas daqueles italianos que se destacaram, provenientes da Jovem Itália e das organizações carbonárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Italianos. Revolução Farroupilha. Ideário Político.

**ABSTRACT:** This research, linked to the scientific project “The Concepts of Republic and Federalism in Farroupilha Revolution (1835-1845)” in the Context of National States and nation construction process on Platinum Border Region, with scientific initiation scholarship PROBIC/FAPERGS/UFSM, intended to identify through a literature review the action of Italians on farrapo movement, and their political ideas. The expression “Italians” means individuals born on Italian Peninsula, since the unification of that territory was happened during the time of confront between farroupilhas and imperials, and will be finished just 1870. The principal names studied are Tito Lívio Zambeccari, Giuseppe Garibaldi, Luigi Rosseti e Giovanni Battista Cuneo. The Mazzini ideals were one of principal ideological references for that Italians who has spotlight, from *Giovene Italia* and organizations carbonárias.

**KEYWORDS:** Italians. Farroupilha Revolution. Political Ideology.

## Introdução

A Revolução Farroupilha (1835-1845) é um dos temas mais estudados pela historiografia Rio-

<sup>1</sup> Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Medianeira Padoim

Grandense e, portanto, analisada sob variados aspectos. Existem incontáveis trabalhos acadêmicos e não acadêmicos dedicados a essa temática, perpassados por diferentes concepções de História. Inserida na perspectiva da História Política, a presente pesquisa procura identificar, através de uma revisão bibliográfica, a atuação de Italianos no movimento farrapo, sobretudo, o ideário político destes indivíduos. Aqui, entende-se por Italianos todos aqueles nascidos na Península Itálica, visto que a unificação deste território estava inconclusa durante o período de confronto entre farroupilhas e imperiais no Rio Grande do Sul, e viria a efetivar-se somente por volta de 1870. Dentre os principais nomes estudados estão os de Tito Lívio Zambeccari, Giuseppe Garibaldi, Luigi Rossetti e Giovanni Battista Cuneo. Cada um deles envolveu-se de forma específica na rebelião sul-rio-grandense. Diversos trabalhos tratam a referida etapa da trajetória desses personagens. Analisando a historiografia existente percebe-se a pequena quantidade de pesquisas dedicadas especificamente às influências mazzinianas na Revolução Farroupilha, por outro lado, inúmeras obras tratam da presença dos italianos nesta, em grande parte de forma sintética e, ou, biográfica. Assim, para a realização desta revisão bibliográfica, optamos pela análise de trabalhos centrados nos personagens em questão e obras que oferecem um panorama geral da participação dos italianos na Revolução Farroupilha.

## O Contexto Europeu da Primeira Metade do Séc. XIX

No início do século XIX, boa parte dos imigrantes italianos instalados na Região Platina constituía-se de refugiados políticos, fugidos das guerras napoleônicas e da repressão desencadeada após o malogro de revoltas liberais na Europa (SCHEIDT, 2008). A motivação de tantos exilados escolherem a América do Sul como destino pode estar relacionada com a presença de outros italianos, vindos anteriormente e que haviam obtido sucesso político e econômico. Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro possuíam núcleos consideráveis de imigrantes italianos desde os anos 1820. A maior parte desses italianos dedicava-se às ocupações de navegação e ao comércio de cabotagem. Na década de 1830 eles já controlavam o sistema de navegação interna do Rio da Prata. Dessa forma, o movimento de navios italianos da Sardenha para o Rio de Janeiro era muito intenso, o que pressupõe maior incentivo à migração para a América do Sul (LEITMAN, 1985). Na Argentina, durante os anos 1820, Bernardino Rivadavia, um liberal, incentivou a imigração italiana como uma maneira de fazer frente aos sul-rio-grandenses e trazer pessoal capacitado à Universidade de Buenos Aires. Os vínculos maçônicos facilitaram encontrar italianos desejosos de migrar, sobretudo exilados políticos. Vieram

médicos, químicos e artistas, todos contratados por Rivadavia. Além desses, vieram muitos outros, entusiasmados com a possibilidade de mudar de vida (PADOIN, 2001).

A maior parte dos italianos do Rio da Prata no início do século XIX era de jovens, oriundos das elites, cultos e com fortes vínculos com seu país. Podemos considerar Zambecari, Rossetti, Garibaldi e Cuneo “imigrados políticos”. Segundo o historiador Salvatore Candido, a imigração política difere-se da “convencional”, uma vez que a segunda ocorre, em geral, quando um grupo de pessoas é obrigado a deixar um país, ou uma região, por motivos sociais e econômicos, como falta de emprego e expulsão de suas terras, estabelecendo-se em outro lugar, onde permanecem radicadas, passando a integrar a população local. Por sua vez, a imigração política deriva de necessidades políticas, como a perseguição, e geralmente não objetiva o estabelecimento efetivo em novas terras, mas apenas um desterro provisório, até que a situação possibilite o retorno à pátria (SCHEIDT, 2008).

A migração política ocorrida na primeira metade do século XIX está relacionada com o processo de construção e consolidação dos Estados Nacionais. O Estado Moderno constituiu-se a partir de um longo processo, iniciado durante o medievo, com a paulatina, irregular e bélica transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. Segundo Norbert Elias (1993), Senhores Feudais disputaram o domínio de oportunidades escassas através do enfrentamento mútuo, isto é, frente à ameaça constante que um representava ao outro, travaram forças. O vencedor passa a agregar sob seu domínio áreas cada vez maiores onde exercia o poder tributário e o uso da força. Novos grupos sociais surgem durante esse processo, tornando a dinâmica social mais complexa. Reinando sobre extensões além de sua capacidade de controle, o Senhor passou a delegar funções administrativas aos nobres dominados e, aos poucos, representantes da burguesia tomaram lugar nesses postos. A cobrança de tributos, antes irregular e pautada em tradições da nobreza e necessidades belicosas, tornou-se obrigatória e constante; as forças militares difusas foram agregadas em exércitos regulares; os cargos públicos direcionados aos nobres deixaram de ser exclusividade destes e, sobretudo, o domínio dos grandes Senhores perdeu o caráter particular e tornou-se público. A contestação do poder “absoluto” dos Reis ocorreu, sobretudo, a partir de transformações advindas das revoluções políticas, que transferiram a soberania dos reis para uma comunidade de cidadãos denominada nação. Este processo político advém dos séculos XVII e XVIII, marcados por um conjunto de novas ideias calcadas no uso da razão, na defesa dos direitos individuais e combate ao absolutismo. Tais concepções converteram-se em fundamentos do liberalismo, a ideologia marcante dos princípios do séc. XIX, relacionada com a ascensão do capitalismo e da modernidade política. O

Liberalismo, porém, foi heterogêneo. Os liberais poderiam ser tanto adeptos de movimentos revolucionários, quanto hostis a quaisquer rupturas institucionais. De forma geral, o liberalismo político opõe-se ao absolutismo, defendendo o estabelecimento de governos constitucionais com a eleição de representantes e a prática da soberania popular, exercida, segundo o entendimento da maior parte de seus adeptos, pelos deputados do parlamento (SCHEIDT, 2008).

A Revolução Francesa, nesse contexto de mudanças, representou a ascensão de grupos burgueses ao poder, destituindo o Rei de seu direito divino. Com a eclosão de tal movimento, em 1789, o equilíbrio europeu teve considerável alteração. As ideias então propagadas ameaçavam as monarquias absolutistas. Por conta disso, formaram-se coligações de Estados monarquistas contra a França, apoiados por contrarrevolucionários franceses. A Revolução conheceu fases diferentes, mas, sobretudo, a partir do período do *Terror*, caracterizado pela execução de diversas lideranças de esquerda e direita na guilhotina, o exército ganhou peso cada vez maior, reprimindo movimentos internos e agindo contra ameaças externas. Nesse contexto, Napoleão Bonaparte começou a se destacar. Em 1795 foi nomeado Comandante-Geral do Exército do Interior e, em 1796, já envolvido no processo de expansão francesa, assumiu o posto de chefia das tropas revolucionárias que pretendiam dominar a região da Península Itálica. Embora Napoleão chefiasse um exército conquistador que cobrava tributos e fazia saques, nos primeiros tempos, parte da população italiana o apoiou com entusiasmo porque tinha nele o representante dos ideais liberais da Revolução Francesa, ou seja, Constituição, direitos iguais, liberdades econômicas, políticas e civis. No retorno a Paris, após a campanha vitoriosa na Península Itálica, Napoleão foi recebido como um grande conquistador. Em 1798 partiu com seu exército para as campanhas no Egito e Síria. Porém, ele não obteve grandes êxitos. Logo, voltou sozinho para Paris, mas seu retorno não se devia apenas à constatação das dificuldades de permanecer em guerra no Oriente. Ele ficou a par da complicada situação política do governo francês, tanto interna como externamente, pois o Diretório passara por várias crises políticas desde que partira para o Egito. Quando retornou à França, Napoleão foi aclamado como Salvador da República. Em 1799 ele chegou ao poder através do golpe do 18 Brumário, quando a Câmara foi dissolvida por soldados e o Diretório deu lugar ao Consulado, formado por três cônsules provisórios, dentre eles Napoleão. Logo, ele tornou-se Imperador da França e ampliou a expansão francesa sobre a Europa (CAPUANO, 1999).

Napoleão Bonaparte redefiniu a geografia da Europa e derrubou vários reis para construir seu império. Em sua marcha expansionista, dominou a Península Itálica e aproximou as regiões que a

compunham através da liberdade civil e religiosa, uniformidade de legislação, regularidade de finanças e trabalhos públicos. Assim, certa consciência nacional foi despertada (FLORES, 1978). O intento expansionista napoleônico foi essencial para impulsionar o processo de unificação italiana. De acordo com Marvin Perry,

Os franceses eliminaram muitas barreiras ao comércio entre os Estados italianos; construíram estradas que melhoraram as ligações entre as várias regiões e introduziram um sistema padrão de lei sobre a maioria das terras. Os franceses tinham outorgado também constituições aos Estados italianos, assembleias [sic] representativas e o conceito do Estado como uma comunidade de cidadãos (1985, p. 507).

Porém, o poderio napoleônico chegou ao fim após o embate com diversos movimentos insurrecionais contra a França, sobretudo ações da Inglaterra, dos russos, dos prussianos e dos austríacos (CAPUANO, 1999). Ocorre o movimento de Restauração, ou seja, a tentativa de retorno do espírito monárquico e de apagar todos os vestígios do período revolucionário, além da tentativa de evitar o aparecimento de um “novo Napoleão”, promovido por governados conservadores, liderados pelo príncipe Klemens von Meternich, Ministro das Relações Exteriores da Áustria. Em 1815, os vencedores reúnem-se em Viena, única das grandes capitais que não havia sofrido diretamente com as revoltas, e redesenham o mapa da Europa. O Congresso de Viena (1814-1815) divide a Península Itálica em vários pequenos estados. O Piemonte, a noroeste, e a ilha de Sardenha constituíam o Reino Sardo-Piemontês, autônomo e soberano, governado pela casa de Savóia, ao norte o Reino Lombardo-Veneziano e os Ducados de Parma, Módena e Toscana, governados pelos príncipes Habsburgo da Áustria, na região central os Estados Pontificais, governados pelo Papa, e ao sul o Reino das Duas Sicílias, governado pelos Bourbon (DORNELLES, 2010). Sobretudo, a hegemonia ficou sob o Império da Áustria. Essa fragmentação gerou amplo descontentamento e, com isso, uma série de levantes revoltosos. Nesse contexto, organizam-se sociedades secretas por toda a Europa. As mais destacadas e ativas foram as carbonárias. Na Península Itálica, tais organizações visavam à unificação italiana e o estabelecimento de instituições liberais (FLORES, 1978). Emerge, por todo o território italiano, um movimento em prol da unificação que ficaria conhecido como *Ressurgimento*. No princípio, foi marcado pela atuação da Carbonária, “A palavra *carbonário* (carvoeiro), designava os revolucionários burgueses italianos que se propunham a livrar a Itália do jugo estrangeiro e realizar

reformas liberais.” (REVERBEL e BONES, 1996). Porém, os carbonários careciam de conexões com as massas populares e de um programa político unificado, além disso, com a severa repressão das forças conservadoras, fracassaram em praticamente todas as tentativas revolucionárias entre 1820 e 1831. A cada malogro, um grande número de jovens revolucionários seguia o caminho do exílio (SCHEIDT, 2008).

### **As ideias de Giuseppe Mazzini**

No início do século XIX as ideias vinculadas ao Iluminismo e ao Romantismo influenciaram o liberalismo e o nacionalismo. A burguesia encontrou no liberalismo seu suporte ideológico, fazendo dele sua bandeira. Assim, por ser a representação política preferencial desse setor social, tal filosofia política permaneceu distante das reivindicações das camadas populares. Enquanto forma de oposição ao Antigo Regime, defendeu a não intervenção do Estado nos negócios particulares e o acesso da burguesia aos postos representativos da sociedade. Ainda, defendia a individualidade, combatendo as formas de organização em grupo, sinônimos de escravidão para o sujeito, e era visto sob a ótica racionalista. Por sua vez, o romantismo tomou forma como contestação ao Iluminismo, reforçando o espírito em detrimento da razão, e a busca por uma volta ao passado, venerado e cultuado, assim como os símbolos e mitos. Através da concepção romântica de nação que a Itália irá realizar sua unificação. Além disso, Giuseppe Mazzini encontrará nessa concepção suporte para suas ideias republicanas (PANERAI, 2009).

As ideias políticas de Zambeccari, Rossetti, Garibaldi e Cuneo estão intimamente relacionadas com o projeto de Unificação Italiana dos carbonários e com as ideias defendidas por Giuseppe Mazzini, cujas propostas eram inovadoras por defenderem a participação popular nesse processo, algo evitado pelos liberais. Mazzini, como grande parte de seus seguidores, participou da Carbonária, entretanto achou insuficiente o projeto desta, criticando a sociedade secreta com seus ritos maçônicos, hierarquias e ineficiências militares. Assim, elaborou propostas diferenciadas objetivando um governo centralizado, um republicanismo revolucionário e a participação popular nesse processo (WIEDERSPHAN, 1990). Ele criou sua própria sociedade secreta em 1831, a associação *La Giovine Italia* (A Jovem Itália). O termo “Jovem” representava o projeto de uma Europa republicana, igualitária e nacionalista em contraste com o “Velho”, isto é, o absolutismo, a desigualdade social e a

opressão (SCHEIDT, 2008). Mazzini lutava contra as monarquias europeias, defendendo o modelo republicano como alternativa. Exilado em Londres, acompanhando a formação das massas trabalhadoras operárias, ele fundou a Jovem Europa e passou a pregar a revolução republicana como um movimento internacional. Mazzini queria uma república popular para a emancipação das classes pobres. Ele não concebia outra forma de poder que não fosse a democracia, livre de todos os privilégios, “Acreditava numa evolução: da monarquia despótica para a monarquia constitucional e desta para o regime republicano, um processo histórico que não pode ser retardado.” (REVERBEL & BONES, 1996, p. 88). Defendia, ainda, que no caso de um regime de transição (a monarquia constitucional) querer firmar-se, o povo teria o direito de se rebelar e promover mudanças (REVERBEL & BONES, 1996). Segundo Moacyr Flores:

Seu movimento era essencialmente democrático, procurando dar ao povo o direito de auto-governo. [...] Projetava para a Itália um Estado Republicano Unitário, pois temia a Federação que poderia manter as divisões entre as regiões italianas. Lutava contra a tirania, opondo os vocábulos despotismo, privilégio e escravidão, as palavras regeneradoras: direito dos homens, progresso, igualdade e fraternidade (1978, p. 48).

As ideias de Mazzini se baseavam na afirmativa de que a ressurreição de um povo não deveria ser obra de uma autoridade distante deste povo, mas derivar da vontade e iniciativa do povo autônomo. Mazzini criticou o individualismo iluminista, que exaltava os direitos, e o liberalismo econômico de uma sociedade burguesa, que levava os homens ao materialismo através do choque dos direitos individuais. Para ele, o dever era superior ao direito, e superior ao indivíduo estava a pátria ou nação (FLORES, 1978). Ele desejava uma associação entre iguais e criticava o culto excessivo ao individualismo, praticado pelos liberais que fomentavam o egoísmo humano. Para Mazzini, a associação igualitária entre os homens era “vontade divina” e único meio de alcançar o progresso. Ele considerava a construção das nações como uma “missão divina”, a ser realizada pelos homens. Desejava conquistar uma sociedade livre, fraternal e igualitária. Defendia a unidade e a República, contraposta à questão da federação, por ele associada à fragmentação nacional e passível de abrir espaços para o domínio da aristocracia. Somente a unidade política, respeitando as diferenças sociais, garantiria a liberdade e a igualdade dos cidadãos e a existência efetiva da nação. Mazzini era defensor do direito de cada povo constituir-se em nação, e partidário da união das nações em uma “irmandade

federativa”, na qual o ideário nacional é universal, sendo possível a união fraternal de todos os povos. Assim como, no interior da nação, o interesse da comunidade é prioritário sobre os indivíduos, em nível internacional, a humanidade encontra-se acima das particularidades das nações (SCHEIDT, 2008). Dessa forma, “Valendo-se de aspirações do romantismo, a proposta mazziniana prega a revolução contra regimes despóticos, a plena igualdade entre os homens e a associação fraternal entre as nações.” (SCHEIDT, 2008, p. 50).

Giuseppe Mazzini pregava a República em oposição à monarquia, tendo na primeira não apenas um regime político diferente, mas também a possibilidade de transformação radical da sociedade. O modelo republicano por ele defendido estava pautado na Democracia, isto é, dava ao povo o poder de decisão sobre os destinos do Estado, além disso, tal proposta combatia a Federação em seu sentido Norte-Americano, de haver autonomia parcial entre os Estados constituintes de um Estado Maior, e apoiava a ideia de República unitária, com poder central forte, visto que o federalismo incentivaria a fragmentação nacional e permitiria o domínio aristocrático. Ao sugerir a união entre as nações, Mazzini aproxima-se de uma ideia de Confederação, a união entre Estados sem prejuízo à soberania de cada um de seus componentes, porém suas concepções românticas pregam a grande nação, a humanidade. Assim, o poder divino, antes assegurado aos reis, passa a ser direito das nações.

### Italianos na Revolução Farroupilha e suas concepções políticas

Influenciados pelas concepções revolucionárias do *Ressurgimento*, Zambeccari, Cuneo, Rossetti e Garibaldi participaram de movimentos que visavam a unificação da Península Itálica e, assim, foram perseguidos e repreendidos. Restou a eles o exílio na América do Sul, continente propício para fazer vingas seus ideais republicanos, onde, de formas específicas, envolveram-se na rebelião sul-rio-grandense que ocorria naquele período, a Revolução Farroupilha (1835-1845).

O Conde Tito Lívio Zambeccari (1802-1862) nasceu em Bolonha. A família Zambeccari fazia parte da antiga nobreza cidadina, tendo muitos de seus membros exercido cargos administrativos a partir dos quais obteriam o título nobiliárquico hereditário de Condes. O pai de Zambeccari, o Conde Francesco, dedicou-se ao estudo da aerostática, trabalhando no problema da dirigibilidade dos balões esféricos da época. Ele esperava encontrar a solução por meio de remos, entretanto veio a falecer

durante uma de suas experiências e deixou o filho órfão aos 7 anos. Zambeccari passou a ser criado por parentes seus. Coursou a universidade de sua cidade natal seguindo a carreira diplomática. O ambiente acadêmico proporcionou o contato com os problemas relacionados ao futuro da Itália, e, assim, filiou-se a um núcleo Carbonário existente em Bolonha com 19 anos, no qual atuou ativamente (WIEDERSPHAN, 1990).

Porém, a ação repressiva dos detentores do poder e a ameaça de ser preso e talvez condenado, incentivaram Zambeccari a deixar a Itália. Fugindo de sua condenação por participar dos movimentos que propagavam a liberdade e a independência frente aos regimes tirânicos, ele passou pela Espanha, Inglaterra, França e em 1826 partiu para a América do Sul. Viveu em Buenos Aires, Montevidéu e, posteriormente, no Rio Grande do Sul, onde teria atuação destacada na Revolução Farroupilha. A presença dele teria auxiliado no amadurecimento das ideias políticas da elite vinculada ao movimento farrapo. A influência de Zambeccari fez-se através da aproximação com Bento Gonçalves, da atuação na organização de estratégias políticas do início da revolução e da realização de traduções de autores europeus, como Pe. Lamennais, Juan Sismondi e Mazzini. Além disso, Zambeccari desenhou mapas cartográficos da cidade de Porto Alegre, pintou quadros e aquarelas com cenários rio-grandenses, especialmente dos combates, trabalhou na medição de terras, de lotes urbanos e rurais, da Colônia de Imigração Alemã São Leopoldo e, tendo aprendido rapidamente a língua local, escreveu para os jornais *O Continentino* e *O Republicano*. Teria ele idealizado a bandeira tricolor dos republicanos farroupilhas (PADOIN, 2001).

Enquanto secretário pessoal de Bento Gonçalves, o acompanhou em operações de guerra. Dessa forma, foi aprisionado junto com Onofre Pires e Bento Gonçalves por tropas imperiais na Ilha de Fanfa. Eles foram remetidos ao Rio de Janeiro. Mesmo preso, Zambeccari continuou em grande atividade: desenhou e mandou imprimir seu grande mapa da província do Rio Grande do Sul, traduziu as *Palavras de um Crente* de Lamennais e os *Saggi di Economia Política* de Juan Sismondi. Além disso, teria se dedicado a ensinar seus colegas de prisão e escrito artigos inflamados para periódicos de oposição ao Império sob o pseudônimo ora de Cássio, ora de Omicron, ora de Atlântico. Houve inúmeras tentativas de companheiros de luta pela libertação de Zambeccari, além de planos de fuga, mas somente obteve a liberdade em 1839 sob a condição de desterro, isto é, o abandono imediato do território brasileiro. Embora mantido sob certa vigilância, foi permitido a Zambeccari receber visitas, entre as quais de Giuseppe Garibaldi e Luigi Rosseti. Assim, por seu intermédio, os dois exilados italianos passaram ao serviço da República Rio-grandense (CENNI, 2003).

Quanto às ideias políticas defendidas pelo Conde Tito Lívio, Maria Medianeira Padoin destaca que:

Zambeccari defendia a liberdade através da república e da federação, no qual proclamava a soberania dos “povos” (províncias, local, no mesmo sentido do termo espanhol “pueblos”) contra a tirania dos governantes. Ideais que aparecem nas correspondências, proclamações e textos dos pertencentes ao grupo da maioria farroupilha, chefiado por Bento Gonçalves da Silva e Domingos José de Almeida (2001, p. 292).

Para Henrique Oscar Wiedersphan (1990), Zambeccari encontrou no Rio grande do Sul local propício para seu republicanismo carbonário, que difundiu através do trabalho nos jornais *Recompilador Liberal*, *Continentino* e *O Republicano*, e do contato com adeptos de ideias semelhantes às suas. Maria Medianeira Padoin (2007) observa na letra do “Himno a la Libertad” escrito por Zambeccari enquanto esteve em Montevideu, a presença de ideias liberais, dando a defesa da igualdade e da liberdade caráter internacionalista e humanitário. Ele fazia a defesa da liberdade através da República e da federação, e pregava contra a tirania dos governantes em favor da soberania dos povos (no sentido de autonomia local). Assim, as concepções políticas de Zambeccari quanto à República e ao Federalismo estiveram próximas às das lideranças farroupilhas do grupo da maioria. Para Moacyr Flores:

Os ideais dele eram pautados na ideologia dos Carbonários. Entrou em contato com os ideais de Mazzini apenas através de panfletos, jornais ou livros ou contato com mazzinianos. A difusão da doutrina da Jovem Itália caberá a Luigi Rosseti. [...] Segundo Lindolfo Collor, Zambeccari que impregnou os planos da revolução rio-grandense com as ideias de Mazzini e do romantismo da Jovem Itália. [...] Como secretário de Bento Gonçalves da Silva, o chefe da revolução, deve ter sugerido alternativas de ação, mas não deu orientação política aos liberais rio-grandenses. (1982, p. 55).

Dessa forma, Zambeccari teria levado ao movimento farrapo ideias românticas carbonárias, mas não significa que tenham sido aceitas pelos liberais rio-grandenses, já intelectualmente definidos. Por sua vez, Franco Cenni (2003) aponta Zambeccari como idealizador da bandeira tricolor e do emblema dos republicanos farroupilhas, cujos símbolos por ele utilizados expressam suas ideias políticas.

Na interpretação de Zambecari, o quadrilongo central da bandeira, em vermelho, representava o mundo como era concebido pelos antigos, o mundo presente tingido de sangue, com, à base, o triângulo (figura geométrica da perfeição) cor de ouro, do progresso material, e, em cima, o triângulo da perfeição moral, cor da esperança. No escudo havia as colunas de Hércules, que com o *nec plus ultra* da marcha aparente do sol significavam que o poder e a sabedoria de Deus estavam acima do julgamento dos homens. As romãs representavam a harmonia social, enquanto nos triângulos do quadrilátero central as estrelas com cinco pontas designavam o espírito animador de todas as coisas: o barrete frígio, a República e a liberdade; a espada que o sustenta, a justiça e a inflexibilidade da lei; os ramos de acácia evocam o florescimento das idéias [sic] que devem encher de beleza a vida dos homens (CENNI, 2003, p. 101).

Podemos identificar a alusão a um mundo revolucionário representado pelo vermelho, e aproximações com as ideias de Mazzini, que valorizavam Deus, a liberdade, e a República, mesmo que Zambecari não tivesse filiação na Jovem Itália, visto que viera para o exílio na América do Sul antes da fundação de tal sociedade. Ele veio a ter contato com as ideias de Mazzini posteriormente, através de periódicos e contatos com refugiados mazzinianos.

Eduardo Scheidt (2008) analisa as representações de nação elaboradas por periodistas italianos que viveram na Região Platina, entre 1827 e 1860. Sobretudo, ele oferece um estudo importante sobre a atuação de Gian Batista Cuneo na América do Sul, e sua participação na Revolução Farroupilha como redator do jornal *O Povo* em seus últimos anos de circulação, informação essa pouco conhecida até recentemente, trazida à tona pelas pesquisas de Salvatore Candido. O autor distingue três fases de atuação de Cuneo na Região Platina. A primeira, de 1838 a 1840, é caracterizada pelas contribuições de Cuneo para a imprensa local, e pela divulgação do ideário mazziniano, adaptando-se aos contextos locais. A segunda fase é marcada pelo surgimento de periódicos em língua italiana, fundados e dirigidos por Cuneo entre 1841 e 1844, após seu retorno a Montevidéu. Seus escritos estavam voltados para a comunidade italiana e caracterizaram-se por uma radicalização do nacionalismo de Mazzini. Na última fase, entre 1853 e 1860, Cuneo escreveu tanto para a imprensa local como em sua língua nativa, oscilando entre os ideais mazzinianos e novas concepções de nação. Para nós, interessa a primeira fase, ocasião na qual Cuneo atuou na Revolução Farroupilha como redator do jornal *O Povo* (SCHEIDT, 2008).

Cuneo nasceu na cidade italiana de Oneglia, em 1809, filho de alfaiate. Em sua cidade natal realizou estudos de filosofia, mas antes de concluir a formação aventurou-se pelo mar. Durante as

viagens, conheceu revolucionários radicais, como Garibaldi e Mazzini. Ele se envolveu com os preparativos insurrecionais em Gênova, promovidos pela Jovem Itália e, perseguido, buscou refúgio, primeiro na França, e depois no Rio de Janeiro, em 1835. Lá, entra em contato com a comunidade italiana, composta basicamente por comerciantes e exilados políticos, junto dos quais funda uma filial da “Jovem Itália” e o periódico *La giovine Italia*. Entre 1838 e 1840, exilado em Montevidéu, Cuneo colabora em periódicos locais, todos fundados ou dos quais participavam os jovens exilados argentinos componentes do grupo dos intelectuais conhecidos como Geração de 1837. Através de Cuneo os jovens argentinos ficaram conhecendo as ideias de Mazzini, e assim fundaram a “Jovem Argentina”, influenciados a seguirem o exemplo da “Jovem Europa”, organizando-se para lutar pela nação livre e igualitária em todos os cantos do mundo. Cuneo divulga seus ideais mazzinianos, como a harmonia entre as nações e a crítica ao individualismo dos liberais, que deveria ser combatido através de propostas igualitárias. Isso não significava, entretanto, que fazia-se simplesmente um transplante das concepções de Mazzini para seus textos. Houve a adaptação do nacionalismo mazziniano ao contexto intelectual local (SCHEIDT, 2008).

Em meados de 1840, Cuneo parte para o Rio Grande do Sul aceitando o convite dos Farrapos para assumir a redação do periódico *O Povo*. Durante a Revolução Farroupilha, Cuneo e Rossetti contribuem de forma destacada a este periódico, que circula entre 1838 e 1840. Rossetti envolve-se ativamente desde o início, já Cuneo começa enviando alguns artigos de Montevidéu e depois se ocupa da redação do periódico. Nos textos publicados enquanto exercia o cargo de redator, ele dá continuidade à estratégia de aplicar o ideário mazziniano, adaptando-o ao contexto político local. Para tanto, dá destaque ao republicanismo, questão central no discurso dos farroupilhas preocupados em assegurar a autonomia local. Procurando manter-se fiel ao ideário de Mazzini, Cuneo defendeu a soberania popular e a necessidade de mobilizar as multidões, reconhecendo, entretanto, a necessidade de “educar” a população. Durante o período em que esteve no Rio Grande do Sul, deparou-se com um momento crítico para os farroupilhas, de derrotas e retrocessos. Assim, adequa seu discurso a esse momento e publica discursos encorajando os farroupilhas a continuarem a luta, além de seguir difundindo o ideário republicano entre seus leitores. Em 1840, devido a um ataque dos imperiais, a imprensa farroupilha deixa de circular e Cuneo retorna a Montevidéu (SCHEIDT, 2008).

Quanto às ideias políticas defendidas por Gian Batista Cuneo, podemos identificar a influência de Giuseppe Mazzini, sobretudo a defesa de uma República democrática. Como Scheidt (2008) assinala, Cuneo vive fases diferentes em sua atuação na Região Platina, caracterizadas ora por um

discurso radical, ora moderado em relação às ideias revolucionárias de participação popular na política e de igualitarismo entre os homens. A cada novo local de exílio, ele adaptava o tom de suas pregações doutrinárias sem, contudo, deixar de fazê-las. No Rio Grande do Sul, em seus textos para o jornal *O Povo*, ele amenizou a defesa do igualitarismo por conta da oposição dos líderes farroupilhas a essas ideias, e deu destaque à República em oposição aos regimes monárquicos. Assim, Cuneo defendeu as propostas de Mazzini, apresentadas anteriormente, adaptando-as ao contexto sul-americano, ou seja, amenizando o radicalismo transformador da democracia. Quando escrevia para seus conterrâneos, contudo, usava de tom radical, incitando-os à revolução.

Os autores Carlos Reverbel e Elmar Bones (1996) trabalham com a trajetória de Luigi Rossetti, sobretudo, destacam o período no qual ele esteve à frente do jornal farroupilha *O Povo*, suas pretensões de torná-lo doutrinário e os entraves a isso. Grande parte do que se sabe a respeito de Luigi Rossetti resume-se aos treze anos em que viveu exilado no Brasil. Rossetti é caracterizado como um homem sem rosto, pois não há nenhuma foto, figura ou ilustração dele, e seu nome aparece poucas vezes nos 160 números do jornal *O Povo*. Apesar disso, as marcas de Rossetti no periódico são notórias. Abaixo do título inscrevia-se a divisa mazziniana *Liberdade, Igualdade e Humanidade*, e em todas as edições consta a epígrafe “O poder que dirige a revolução, tem que preparar os ânimos dos Cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modéstia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da Pátria. Jovem Itália. Vol. V.” (SCHEIDT, 2008, p. 135).

Nascido em Gênova em 1800, há poucas informações sobre sua atuação política antes da imigração para o Brasil, que teria ocorrido em 1827. Alguns autores afirmam que ele formou-se em Direito, outros apenas relatam que foi estudante na Faculdade de Direito, um dos focos de agitação revolucionária. No Rio de Janeiro, uniu-se a Giovanni Battista Cuneo e Cesare Corridi, também exilados, fazendo pregação política. Rossetti esteve envolvido com o jornal que os exilados italianos editavam no Rio de Janeiro, para a difusão do movimento revolucionário entre os emigrados que viviam ali, em Buenos Aires e em Montevideú. Com a chegada de Zambeccari à Fortaleza de Santa Cruz, Rossetti e Garibaldi engajam-se na Revolução Farroupilha. Seguindo ordens de Bento Gonçalves, Garibaldi e Rossetti transformaram o pequeno barco de comércio, *Mazzini*, em corsário a serviço da República do Rio Grande do Sul. Em 1837 partem do Rio de Janeiro com outros 12 tripulantes. Eles possuem uma carta de corso que os autoriza a atacar e apresiar embarcações do Império brasileiro. Após uma aventura marítima, Rossetti chega ao Rio Grande do Sul em 1837. Lá, é muito bem recepcionado e conhece todos os comandantes farroupilhas, os mais influentes. Logo nos

primeiros tempos de sua participação na revolução, Rossetti mostra prestígio e influência. Durante conflitos, envia cartas de curso, participa dos planos de ação e articula a vinda de italianos de Montevideú, entre eles Garibaldi, além disso, é intermediário entre os marinheiros italianos e de outras nacionalidades, solicitando pagamentos, roupas, mantimentos e armas (REVERBEL & BONES, 1996).

Ele parte para Montevideú incumbido de contratar gente para organizar uma força de marinha e adquirir uma tipografia para imprimir o jornal do governo revolucionário. Após voltar para o Rio Grande do Sul instala a Tipografia. Quem escreve o Prospecto (artigo da primeira página com os princípios da publicação) é Cuneo, fazendo uma citação do jornal mazziniano *La Giovine Italia*. O jornal era essencialmente doutrinário. A publicação do primeiro número demora a acontecer por conta da intervenção de certos indivíduos influentes que temiam a propagação dos princípios democráticos. Rossetti compreendia o Jornal como um veículo propagador de ideais, e não um depositário de notícias, filhas do momento. Aos poucos, ele percebe ser necessária a presença de notícias locais e momentâneas no jornal, pois se quisesse fazer dele uma folha doutrinária era necessário falar aos leitores sobre outras questões, assim, talvez não ignorassem a parte dedicada as doutrinas. Em suas cartas a Cuneo, Rossetti demonstra insatisfação por achar que o jornal afastou-se do rumo que havia proposto, de ser mais doutrinário e menos ocupado com “as coisas locais”, e isso gera queixas de sua parte, bem como das constantes mudanças em seus textos. Com o pretexto de corrigir a língua, pois os textos de Rossetti passavam por uma revisão, muitas vezes mudava-se totalmente o sentido de seus escritos. Por conta da censura, Rossetti retira-se do jornal e vai para Camaquã, onde está Garibaldi. A pedido de Bento Gonçalves, Rossetti acompanha as tropas que marcham para tomar o porto de Laguna e deflagrar a revolução republicana em mais uma província. Ocupou o cargo de secretário interino da República Juliana e foi responsável por toda a montagem administrativa, pela redação dos decretos e até por um plano econômico para amenizar as dificuldades enfrentadas pela nova República. A situação se deteriorou rapidamente. Os imperiais contra-atacaram querendo retomar Santa Catarina. Perseguidos, os rio-grandenses retiram-se. A partir de então, Rossetti passou a defender a paz, opinião duramente criticada. Estava convencido de que apenas a paz garantiria a democracia republicana, ideal a ser alcançado posteriormente e por outros meios que não a guerra. Seria inútil seguir batalhando. Em 1840, após um ataque dos imperiais à Viamão, Luigi Rossetti foi atingido por um golpe de lança e morreu (REVERBEL & BONES, 1996).

Luigi Rossetti, segundo Carlos Reverbel e Elmar Bones (1996) considerava a difusão do

regime republicano como consequência irreversível de um processo histórico iniciado com a independência dos Estados Unidos, em 1776, e que culminaria com o fim de todas as monarquias e estruturas de privilégio. A concepção de República por ele defendida ia de encontro à de Mazzini, isto é, um regime democrático, baseado em uma Constituição capaz de garantir a igualdade jurídica à todos, e com ativa participação popular. Frente a essa pretensão, Rossetti desejava que a revolução republicana tomasse todo o Brasil, como deixa a entender ao dizer “Soubemos aqui que Pernambuco e Minas proclamaram a república. Que nas Alagoas atiraram no presidente, não o feriram, mas lhe mataram o ajudante de ordens. O governo do Rio de Janeiro já confessa não poder conter os progressos do partido republicano...” (apud REVERBEL & BONES, 1996, p.102). O caráter internacional das lutas contra a tirania é outro elemento presente nos discursos de Rossetti, que, segundo Scheidt (2008), tenta levar tal ideia aos farroupilhas na tentativa de aproximar o RS das outras repúblicas do Prata. Para isso, faz circular entre os farroupilhas textos dos jovens intelectuais da Geração de 1837. Rossetti pretendia unificar os revolucionários rio-platenses e os farroupilhas em uma luta comum contra as “tirantias” de Rosas e do Império brasileiro, mas isso não ocorreu. Para Scheidt (2008) ficam evidentes muitos aspectos das concepções nacionalistas de Mazzini em artigos escritos por Rossetti para o periódico *O Povo*, tais como a identificação da nação com uma associação de homens livres e iguais cuja missão, emanada da vontade divina, seria, justamente, a de constituírem-se em nação, ao mesmo tempo em que seriam imbuídos do dever de associar-se fraternalmente a outras nações. A união fraternal entre os homens opunha-se ao individualismo do liberalismo.

Ainda, segundo Scheidt (2008), Rossetti enfatizava a identificação da nação com a República, estando, nesse aspecto, em sintonia com as ideias dos revolucionários rio-grandenses, entretanto, defendia os setores mais pobres e desfavorecidos da sociedade, criticando os líderes políticos que, muitas vezes, apelavam para o conjunto do povo em busca de adesões a uma revolução e, uma vez conquistando o poder, desconsideravam o apoio recebido, o que era desaprovado por parte dos farroupilhas, avessos aos “princípios democráticos”, entendidos naquele período como o acesso das camadas mais baixas da população ao poder. Por conta de pressões de lideranças do movimento revolucionário, Rossetti adaptou seus ideais mazzinianos ao contexto sul-rio-grandense e deu ênfase ao republicanismo. Muitas vezes incorporou em seus textos o discurso americanista, ou seja, a construção de uma imagem de América republicana, democrática, igualitária, contraposta à Europa feudal, aristocrática e monárquica. Nesse sentido, a Revolução Farroupilha se justificava por adequar

o RS ao continente americano, o contrário do Brasil, mantido sob a monarquia, signo europeu. Para contentar líderes farroupilhas, Rossetti acabou modificando algumas concepções provindas das ideias de Mazzini quanto ao federalismo, visto que o italiano era unitarista, crítico do federalismo por considerá-lo um elemento enfraquecedor dos governos nacionais. Os farroupilhas sempre se mostraram favoráveis a estabelecer formas de federação com outras províncias brasileiras, desde que mantida sua soberania e autonomia. Desta forma, a questão do federalismo aparece como proposta positiva em artigos de Rossetti, tal como os farroupilhas a defendiam.

O italiano Giuseppe Garibaldi chegou ao Brasil em 1835 no brigue francês *Nautonnier*, sob o nome de Borel, apelido de combate, usado enquanto componente da Jovem Itália de Giuseppe Mazzini. Por conta de perseguição política, já usara os nomes Cleombreto e Giuseppe Pane. Viera para o Brasil fugido da malograda revolta contra o governo de Gênova. Com o apoio financeiro de Giacomo Picasso, Garibaldi e Rossetti estabeleceram um serviço de cabotagem entre o Rio de Janeiro, Cabo Frio e Campos. A participação de Garibaldi na Revolução Farroupilha tem início com o trabalho no pequeno estaleiro da Fazenda do Brejo, pertencente a irmã de Bento Gonçalves, responsável pela proteção dos ataques de unidades navais do Império. O trabalho havia sido iniciado sob a orientação de John Griggs. Garibaldi agilizou as obras em andamento e, logo, possuía uma equipe de setenta homens. Após dois meses os lanchões estavam prontos, batizados com os nomes de *Rio Pardo e Independência*. Possuindo apenas duas peças de bronze, não tinham poder de fogo para enfrentar as unidades do Império, assim, sua arma principal era o ataque surpresa, o improvisado, fugindo para os baixios onde os imperiais, com suas embarcações, não ousariam persegui-los. A maneira encontrada pelos imperiais para vencer os farrapos do estaleiro foi o avanço por terra, mas não obtiveram sucesso. Rossetti informou que o Estado de Santa Catarina, em Laguna, Lajes e Santa Vitória, oferecia ótimas condições para um ataque aos imperiais, pouco numerosos e mal distribuídos. Bastaria conquistar o porto de Laguna. Assim, decidiu-se que uma coluna terrestre, sob o comando de David Canabarro, surpreenderia as tropas do imperador, enquanto Garibaldi e os seus atacariam por mar. Porém, havia um bloqueio marítimo na Lagoa dos Patos, o que levou Garibaldi e seus homens a realizar destemida marcha por terra levando os lanchões até o rio Tramandaí, de onde, após inúmeros percalços, se lançaram ao mar. Durante a viagem enfrentam forte tempestade e morrem dezesseis tripulantes, dentre eles os melhores amigos de Garibaldi. Após tantas dificuldades, Laguna foi tomada, foi construído um governo republicano e Lajes proclamada a capital da nova República com o nome de Juliana (CENNI, 2003).

Em 1838 Garibaldi conheceu Anita, que era casada. Somente em 1842, com a morte do marido dela puderam contrair matrimônio, o que ocorreu em Montevidéu. A situação tornou-se cada vez menos favorável para a República Juliana. Começaram a explodir as primeiras revoltas. O general Canabarro, então, encarregou Garibaldi de restabelecer a ordem. Mas, o exército republicano continuava a ser diminuto, mal armado, e já não contava com o apoio dos habitantes. Houve confronto e muitas mortes. Assim, as tropas farroupilhas fugiram, abandonando a República Juliana, reconquistada pelos imperiais. Garibaldi passou a nutrir o desejo de retomar contato com aqueles que lutavam pela Unificação da Itália e que encontravam-se refugiados em Montevidéu. Após reunir-se com Bento Gonçalves, ele partiu para Montevidéu e encerrou sua participação na Revolução Farroupilha (CENNI, 2003).

Os autores aqui estudados pouco contribuem para identificar as concepções políticas de Giuseppe Garibaldi, apenas vinculados aos ideais de Mazzini. Ele é caracterizado por Spencer Leitman (1985), Franco Cenni (2003) e Moacyr Flores (1978) como Corsário e herói, além disso, destacam a participação de Garibaldi na Revolução Farroupilha enquanto articulador de batalhas e guerreiro destemido. Sobretudo, Franco Cenni (2003) apresenta a trajetória de Garibaldi na América do Sul como uma epopeia, dando-lhe caracterizações físicas e psicológicas panegíricas. A experiência sulina auxiliou Garibaldi em sua luta pela unificação italiana. A presença ativa na Revolução Farroupilha e no movimento nacionalista italiano lhe rendeu o título de “herói de dois mundos”. Durante seu exílio, encontrou no movimento farrapo local propício para colocar em prática seus ideais republicanos, inspirados nos ideais de Giuseppe Mazzini.

Em sua pesquisa para identificar as ideias políticas que influenciaram os republicanos rio-grandenses, Moacyr Flores conclui que:

Giuseppe Garibaldi, Tito Lívio Zambeccari e Luigi Rossetti são apontados como autores ou ideólogos do movimento liberal que criou a República Rio-Grandense. No entanto, a contribuição ideológica destes três personagens foi nula, por ser antagônica aos princípios liberais dos farroupilhas, e suas atuações militares classificam-se como mínimas no contexto bélico da República Rio-Grandense (1978, p. 49).

Para o autor, Zambeccari teve influência apenas na fase preparatória do movimento, visto que logo foi preso, já Garibaldi, que formou e comandou a marinha farroupilha, marcou sua participação

com muitos atos de heroísmo que pouco influenciaram nos destinos do conflito, por sua vez, Rossetti teria contribuído mais como administrador e soldado do que como jornalista doutrinário, pois suas ideias não encontravam receptividade entre os rio-grandenses. Moacyr Flores (1978) observa que a ideologia liberal individualista dos farrapos não compactuava com a democracia defendida pelos mazzinianos, pois não previa um governo com participação popular. Para Reverbel & Bones (1996), entretanto, Rossetti cumpriu muito bem todas as funções a ele atribuídas, porém sua relevância está relacionada ao trabalho como jornalista e redator do periódico *O Povo*. Destacam que Rossetti e os outros italianos atuantes na Revolução Farroupilha tinham influência ideológica dos princípios da Jovem Europa, isto é, a democracia e a colaboração entre os povos.

Eles apostaram na ação revolucionária internacional, certos de que a república fosse o sistema político capaz de realizar a justiça entre os cidadãos. Assim como os revolucionários poloneses e alemães haviam participado do movimento pela unificação da Itália, eles defendiam a república rio-grandense contra as armas imperiais (REVERBEL & BONES, 1996, p. 119).

Para Spencer Leitman (1985), Tito Lívio Zambeccari e Garibaldi foram adeptos de um republicanismo extremado, assim como os demais italianos envolvidos na Revolução Farroupilha. Assim, podemos perceber que as concepções políticas desses italianos exilados provinham, sobretudo, da influência das ideias de Giuseppe Mazzini e das organizações carbonárias. Diferente dos líderes farroupilhas, concebiam a República democrática como o modelo ideal de governo, livre de privilégios e com participação popular. Além disso, defendiam o internacionalismo republicano, para varrer do mundo as instituições monárquicas e totalitárias. A conjuntura sul-americana exigiu deles adaptações aos seus ideais democráticos, mas, acima de tudo, permaneceram defendendo o republicanismo tendo por base os ideais liberais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPUANO, Yvonne. **De Sonhos e Utopias... Anita e Giuseppe Garibaldi**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1999.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: "andiamo in Merica"**. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora USP, 2003,

p. 97-139.

DORNELLES, Laura de Leão. **Risorgimento e Revolução**: Luigi Rosseti e os ideais de Giuseppe Mazzini no movimento farroupilha. Dissertação (Mestre em História). Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. 190 p.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Tradução brasileira de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol. 2, 1993

FLORES, Moacyr. **Influência do Risorgimento na revolução farroupilha**. In: O modelo político dos Farrapos. Mercado Aberto, 1978, p. 47 a 66.

LEITMAN, Spencer. Revolucionários Italianos no Império do Brasil. In: **A Revolução Farroupilha**: Historiografia e Interpretação. FREITAS, Décio (org.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PADOIN, Maria Medianeira. A Revolução Farroupilha e os italianos: o federalismo e a fronteira. In: **Sonhos de Liberdade**: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Osmar L. de Barros, Ricardo Vaz Seelig, Sylvia Bojunga (org.). Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007.

\_\_\_\_\_. Tito Lívio Zambeccari: A Produção Historiográfica Brasileira e Platina (uma síntese). In: **Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)**. Rio de Janeiro, 2001.

PANERAI, Fernanda Bitencourt. **A Presença de elementos políticos da Jovem Itália no periódico O Povo**: 1838-1840. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

REVERBEL, Carlos & BONES, Elmar. **Luiz Rosseti**: O Editor sem Rosto e outros aspectos da imprensa no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1996.

SCHEIDT, Eduardo. **Carbonários no Rio da Prata**: Jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região Platina (1727-1860). Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 194.

WIEDERSPHAN, Henrique Oscar. Tito Lívio Zambeccari (1802-1862). In: DE BONI, Luis A. **A Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, v. 2.